



VIII ENCONTRO SOBRE VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR: UMA VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

ANAIS DO ENCONTRO - ISSN 2237-1877

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Jequié, 5, 6 e 7 de dezembro de 2023

PRÁTICAS DE VIOLÊNCIA NA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE CONTRA MULHERES NEGRAS

Raquel Gabrielle Silva Costa de Moraes¹, Ricardo Pereira da Silva², Maria Eduarda Carvalho de Almeida Silva³, Mariana Alves Ferreira⁴, Diego Pires Cruz⁵, Patrícia Anjos Lima de Carvalho⁶

Introdução

As vulnerabilidades às quais estão expostas as mulheres negras no Brasil são relacionadas a diferentes necessidades, sobretudo, no que se refere ao acesso à saúde. Diante disso, nota-se que essa parcela da população é acometida diariamente de negligências sobre sua saúde ao gerar um maior índice de morbimortalidade quando comparado às outras mulheres no Brasil. Da mesma forma, questões sexistas reverberam em conjunto com o sistema patriarcal e contribuem para a falta de acesso das mulheres negras à Rede de Atenção à Saúde, sendo essas mais propensas ao uso do SUS pelas disparidades socioeconômicas. Dessa forma, observa-se que os serviços ofertados na rede de atenção à saúde às mulheres negras são diferentes quando comparados com os serviços ofertados às mulheres brancas, pois, na maioria das vezes, são avaliadas em um tempo de consulta menor, fazem menos exames e recebem tratamentos diferentes (Saraiva; Campos, 2023). Nesse sentido, as práticas de violência contra as mulheres negras são determinantes e corroboram com a insuficiência na promoção de saúde equânime na Rede de Atenção à Saúde.

Objetivo

Discutir o que versa a literatura sobre o modo como as práticas de violência contra as mulheres negras se desenvolvem na Rede de Atenção à Saúde na população brasileira.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de cunho qualitativo e descritivo cuja construção obedeceu às seguintes etapas: escolha do eixo temático, identificação do tema, definição dos descritores, seleção dos artigos escolhidos, interpretação dos assuntos abordados e discussão das sínteses compreendidas (Souza *et al.*, 2010).

A revisão integrativa constitui uma importante metodologia a contribuir para o cenário científico uma vez que seu papel se baseia em sintetizar, de forma ampla e fidedigna, os achados acerca de determinada área ou tema específico, levantar dados, direcionar aplicações de conhecimento e fundamentar uma prática cada vez mais baseada em evidências no campo da saúde. (Souza *et al.*, 2010).

Para formular a questão de pesquisa foi utilizada a estratégia de acrônimo PICo na qual o P corresponde à Participantes, o I à fenômeno de interesse e o Co ao contexto do estudo

para as pesquisas de abordagens qualitativas (Karino; Felli, 2012). Dos artigos analisados, como participantes foram selecionadas as mulheres negras, Fenômeno de Interesse: práticas de violência e como Contexto do Estudo: a Rede de Atenção à Saúde. Nessa perspectiva, foi elaborada a seguinte pergunta de investigação: como as práticas de violência contra as mulheres negras se desenvolvem na rede de atenção à saúde da população brasileira?

As buscas foram realizadas em novembro de 2023 na base de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) com a utilização de descritores controlados indexados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), sendo eles: “Violência contra mulheres afrodescendentes”, “Saúde” e “Atenção à Saúde” conjugados pelo operador booleano AND. Diante da busca, 57 artigos foram encontrados, dos quais, após a utilização dos filtros: artigos na íntegra, publicados nos últimos 10 anos no idioma inglês e português, sobraram 50. Logo após a elegibilidade dos artigos, com a leitura do título, resumo e conforme objetivos estabelecidos no presente estudo, apenas 10 foram selecionados para realização do trabalho.

Resultados e Discussão

É oportuno destacar que a violência contra as mulheres afrodescendentes é manifestada em diversos segmentos sociais, perpassando o eixo da saúde. Em relação ao acesso à saúde de mulheres negras no cenário brasileiro, Oliveira *et al.* (2019) em seu estudo de corte, relatam que as mulheres pretas e pardas assumem posições sociais e culturais desfavoráveis se comparadas às mulheres de pele branca, sobretudo, nas Redes de Atenção à saúde.

Foi possível perceber, também, que as práticas de violência podem ou não serem percebidas pelas mulheres negras, bem como podem ser praticadas de forma tão sutil e naturalizada que passam despercebidas por quem pratica e quem sofre. Conforme a filósofa alemã Hanna Arendt *et al.* (1933), essa naturalização da violência, em que a sociedade não consegue enxergar as questões intrínsecas dos problemas é chamada de banalidade do mal. Essa banalização é observada, por exemplo, em discursos e pensamentos como “pessoas negras são mais resistentes à dor” ou “negro não adocece”, refletindo não só a propagação desses discursos como também diminuindo a qualidade do atendimento às mulheres negras dentro da rede de atenção (Oliveira; Kubiak, 2019).

Ademais, verificou-se que os corpos femininos são percebidos como objetos sendo essa percepção fruto do sexismo e patriarcado. Contudo, são os corpos femininos negros os mais objetificados, animalizados, manipulados e dominados a partir de interesse de terceiros. Nesse viés, basta analisar que o atendimento em saúde no âmbito nacional às mulheres negras (pretas e pardas) no que diz respeito ao tempo de espera na Rede de Atenção foi maior quando comparado com o de mulheres de pele branca (Theophilo, 2018).

Outrossim, a partir dos estudos, compreende que as mulheres negras representam maioria nos relatos de algum tipo de violência durante a gestação, e são essas que possuem menor escolaridade (Leal, 2017). Isso permite analisar que o acesso às ações e aos serviços de saúde ao longo da extensa Rede de Atenção à Saúde depende não só da oferta e disponibilidade desses meios, mas também do equilíbrio social, educacional e cultural dos usuários, sobretudo, no que diz respeito às mulheres negras. Então, para garantir um atendimento ideal, promoção à saúde e prevenção, deve-se entender a mulher negra de forma integral dentro da Rede de Atenção à Saúde com o fito de atenuar com as inúmeras práticas de violência direcionada a esse público.

Conclusão

Conclui-se que o racismo é um fator determinante para a permanência e persistência dos atos discriminatórios para com as mulheres negras, não só no âmbito da saúde pública, mas também nas relações interpessoais e no que tange à negação dos direitos sociais, a exemplo da assistência à saúde, haja vista que a maioria da população negra mora em áreas periférica, onde os serviços de saúde são escassos e/ou pouco eficientes. Com isso, essa parcela da população é segregada socialmente, de modo a dificultar o acesso aos serviços de saúde pública, caracterizando uma das formas mais veladas de violência étnico-racial.

Para além disso, observou-se que as questões associadas à saúde da população negra, principalmente das mulheres, não são resultantes somente das características genéticas, mas também das condições socioeconômicas e educacionais, pois a grande maioria das mulheres pretas não têm conhecimentos do conceito ampliado acerca do que é o racismo e das diversas possibilidades de ocorrência dele, o que dificulta o ato de denunciar e, conseqüentemente, frear essa mazela social que é reproduzida pelo racismo.

Descritores: Violência contra mulheres afrodescentes. Saúde. Atenção à Saúde.

Eixo Temático: A saúde coletiva no enfrentamento da violência. (racismo)

Referências

CARMO, Carolina Barbosa Carvalho do; MELO, Lucas Caetano; SILVA, Thamyres Ferreira da; SOUZA, Enrique Meireles Bitencourt de; GARCIA, Claudia Mendonça Magalhães Gomes. Desafios do processo gestacional de mulheres negras: uma revisão narrativa. **Femina**, Rio de Janeiro, v. 50, n. 3, p. 184-192, mar. 2022.

LEAL, Maria do Carmo; GAMA, Silvana Granado Nogueira da; PEREIRA, Ana Paula Esteves; PACHECO, Vanessa Eufrauzino; CARMO, Cleber Nascimento do; SANTOS, Ricardo Ventura. A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. Supl. 1, p. 1-17, nov. 2017.

MIRANDA, Priscilla Ingrid Gomes; AMARAL, Jackeline Vieira; SALES, Jaqueline Carvalho e Silva; SILVA JÚNIOR, Fernando José Guedes da; COSTA, Ana Paula Cardoso. Ações realizadas na atenção primária à saúde às pessoas com transtorno mental: revisão integrativa. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza, v. 22, n.1, p. 1-10, jan./dez. 2021.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Revista Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43, n.122, p. 939 – 948, jul./set. 2019.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, jan./mar. 2010.

SARAIVA, Vanessa Cristina dos Santos; CAMPOS, Daniel de Souza. A carne mais barata do mercado é a carne negra: notas sobre o racismo e a violência obstétrica contra mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 2511–2517, set. 2023.

THEOFILO, Rebecca Lucena; RATTER, Daphne; PEREIRA, Éverton Luís. Vulnerabilidade de mulheres negras na atenção ao pré-natal e ao parto no SUS: análise da pesquisa da

Ouvidoria Ativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 11, p. 3505-3516, nov. 2018.

VERISSIMO, Sandra Maria Lisboa. **A invisibilidade do câncer de mama em mulheres negras**. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 101f. 2019.